aroeira

espaço cultural mané garrincha

Boletim nº 04, Maio/2010.



EDITORIAL

CRISE

A crise passou? Sim? Não? Ora, ora. Ou os estadunidenses descobriram o dinheiro transgênico, que brota em árvores de plástico; ou os nossos especialistas ocultam informações. Tendemos a acreditar nesta última alternativa. Mas vamos aos fatos.

Que analista de crédito, ainda que muito chinfrim, emprestaria dinheiro para alguém que tem dívidas correspondentes a 300% de sua renda? Certamente nenhum. Pois bem, a porcentagem de endividamento das famílias estadunidenses é exatamente essa, 300%. Outra questão, quem faria empréstimos para um Estado que deve algo como 100% de seu PIB. Ninguém, certo? Muito bem, a dívida governamental dos EUA aproxima-se de 100% de seu PIB.

Há no campo de esquerda uma intensa discussão sobre o caráter da crise atual. Seria estrutural? Cíclica? E por aí vai. Sem entrar nesse debate hercúleo, podemos afirmar com tranqüilidade que há sim uma crise do padrão dólar (no mínimo), a moeda estadunidense está contestada como referência internacional. Os movimentos da China, dos países produtores de petróleo e até (quem diria) do Brasil de Lula não podem ser ignorados, todos começam a tentar substituir o dólar nas suas trocas internacionais. Por que será? Para exemplificar, citemos um negócio da China, literalmente; os chineses compraram 47% dos títulos emitidos pelos EUA em 2006, dois anos depois esta proporção caiu para 20%. Moral da história, negócio da China é correr de título de dívida estadunidense.

Enfim, por tudo isso, estamos convictos de que novos sacolejos virão dinamitar não apenas a ilha de Manhattan, como dizia Carlos Drummond, mas sim as ilhas de falsa prosperidade capitalista.

GRÉCIA

E o câncer dos estados modernos (também conhecido como crise da dívida) alcançou o berço da cultura ocidental, a Grécia. Mas, diga-se de passagem, o endividamento do Estado Grego não é muito diferente do Estadunidense, pelo menos em porcentagem. Então...

A Grécia é parte da União Européia, utiliza o euro, o que lhe causa não poucas dificuldades neste momento, principalmente a impossibilidade de tocar uma política monetária independente, desvalorizando sua moeda, por exemplo. O fato é que o euro interessa às economias européias mais avançadas, principalmente à alemã. Só para exemplificar, em 2008 a Grécia experimentou um déficit comercial de 6,4 bilhões de euros com a Alemanha. Como não pode desvalorizar sua moeda, os gregos se tornam reféns de outras economias européias.

Muito bem, mas não é só isso, sabe-se que boa parte da dívida grega vence entre abril e maio deste ano, também não é segredo que o estado grego terá que refinanciar sua dívida. Sendo assim, por que os especuladores não tentariam forçar uma elevação das taxas de juros da dívida? Bastaria rebaixar a classificação de risco da Grécia, o que as agências de rating (classificação de risco) poderiam fazer tranquilamente, e assim impor empréstimo com taxas de juros mais elevadas. Feito isso, os especuladores lucrariam mais, e o povo se lascaria muito mais (congelamento e redução de salários e aposentadorias, aumentos de impostos, redução do orçamento da seguridade social). Entretanto, entre o Éden capitalista e a realidade se interpõe a boa e velha luta de classes, o povo grego resiste e resistirá. E os filósofos gregos, se vivos, seriam obrigados a interpretar e transformar o mundo, como queria Marx.

VENEZUELA

Como ensina Aldous Huxley, a manipulação não está numa mentira contada, mas sim nas verdades omitidas. A vergonhosa empreitada midiática contra a Venezuela Bolivariana exemplifica perfeitamente a questão da manipulação, da solidariedade de classe burguesa...

Segundo relatório da Organização Jornalistas Para a Verdade, a Venezuela possuía em 1998 (antes de Chávez) 39 canais, sendo 31 privados e 8 públicos; atualmente, existem concessões de funcionamento para 114 canais, sendo 65 privados, 37 comunitários e 12 públicos. Ou seja, a verdade omitida na empreitada midiática internacional é: a liberdade de expressão popular na Venezuela incomoda, é preferível manter os cérebros enlatados em coisas do tipo BBB! E isso não significa que apoiemos incondicionalmente a Venezuela Bolivariana, muito pelo contrário, mas, por outro lado, não reconhecer seus avanços é endossar o golpe midiático, é abonar a mentira.

Para finalizar, fechemos com informações fresquinhas do nosso correspondente, direto da bacia amazônica. Sim, é verdade que há apagões na Venezuela, e a mídia burguesa não se cansa de registrá-los, claro, sempre os associando à falta de investimentos do governo Chávez e por aí vai. Mas e os apagões na Colômbia de Uribe? Nenhuma palavra. E a falta de chuvas na região causada pelo El Niño? Não seria também essa uma das explicações do problema? Nenhuma palavra dos especialistas. Será que o projeto paramilitar de Uribe agrada mais que o bolivariano de Chávez? Alguém duvida disso? Aliás, o governo de São Paulo também agrada mais a mídia do que o de Chávez, nossas enchentes se explicam pelo excesso de águas, a falta de energia na Venezuela não se deve ao

fenômeno inverso. Da nossa parte, apenas endossamos a palavras de Huxley: a manipulação está nas verdades omitidas!

SÃO PAULO

E as águas caíram sobre a selva de pedra, e a água mole não furou a pedra dura, apenas empoçou na periferia, levando o pouco de muitos que tinham quase nada. Mas por aqui pouco se levantou a bandeira da falta de investimentos, talvez porque os políticos paulistas sejam um pouco mais preferidos pela mídia. Mas não falemos dos nossos políticos, que pouco importam, são apenas cachos e capachos do grande capital.

Falemos da nossa enchente de carros nas ruas e de gentes nos shoppings, porque este é o paraíso do capital, mais e mais mercadorias, só. Aproxima-se e o dia em que teremos um carro para cada paulistano, um analista, e muitos calmantes e medicamentos tarja preta também. E a economia crescerá e o grande capital será feliz assim, apesar dos calmantes, antidepressivos.

Parafraseando e citando Carlos Drummond de Andrade: “Pra que tanto carro? Eta vida besta, meu Deus!”.

ESPAÇO CULTURAL MANÉ GARRINCHA

Sim. É verdade que este **Aroeira** demorou mais do que o combinado para ser parido, mas nasceu, apesar da crise econômica internacional, das enchentes de São Paulo..., apresentamos nosso boletim. Que seja a alegria do povo, e que seja como um cipó de Aroeira no lombo dos burgueses. Informamos também que seguimos com as atividades no Espaço Garrincha: discussão dos processos revolucionários, estudos dos clássicos brasileiros, debate de conjuntura e por aí vai. Tirando os racistas, opressores e exploradores; convidamos todos para conhecer e participar do Espaço Cultural Mané Garrincha.

Os editores

QUANDO O JOGO DO FIM DA HISTÓRIA NÃO TEM APITO FINAL.

Somos de um tempo, século e milênio passados, onde havia jogo (luta) de classes.

Naquele tempo valia tudo: trabalhadores jogando com o regulamento na mão cruzavam os braços e o adversário sofria danos irreparáveis na queda de braço e da mais-valia. E tinha mais. Quando na ofensiva, o time dos insurretos podia até liquidar de vez a partida, mandando todo o time patronal mais cedo para casa, feita de lata do lixo da História (da sua porca história!).

Precavidos, o time patronal tentava comprar gente do nosso lado, daí termos hoje um juiz, ex-sindicalista, apitando a favor da equipe contrária, dando cartão vermelho para seus ex-companheiros e encarcerando gente de fibra. Gente que não joga jogo combinado, que arregaça as mangas e disputa um pedaço de chão, donde brota a reforma agrária na lei ou na marra.

Incoerente, o time patronal joga contra o que antes alardeava: O fim da História!

E nesse jogo sujo, os senhores do dinheiro infiltra policiais (á paisana) no time do povo, como o sucedido na última greve dos professores do estado de São Paulo. Indígenas (do time dos oprimidos, mas não suprimidos), ao defender seu gramado/suas terras, são torturados por policiais federais e mortos por gente sem

farda e sem vergonha, da pátria de chuteiras chamada Brasil. Enchentes de verão conformam barreiras a impedir que a bola do povo pouse na rede do futebol da vida e o saldo de desabrigados e mortos deixa sua marca (como sempre, nos gramados da várzea, localizados na periferia e favelas do norte a sul da vergonha - Brasil).
Pois é, parece que o jogo, ainda não terminou!

----

100 ANOS DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER



SER MULHER

“Ninguém nasce mulher: Torna-se!”, dizia Simone de Beauvoir. E o que é se tornar mulher?

Quiçá assumir-se mulher, buscar-se e, principalmente, forjar-se de dentro para fora. Sendo assim, ainda há muito a ser conquistado. Lutamos, avançamos, mas ainda não podemos nos dizer mulheres. Atualmente, incorporamos um padrão masculino de sexualidade, uma espécie de coisificação do ato sexual. O que vale é o desempenho, a quantidade de orgasmos e por ai em diante. Daí o fingimento, sabemos que muitas mulheres nunca sentiram um orgasmo e que a maioria o sente raramente. Por quê? Se um perde, o outro ganha, ou seja, o homem ganha, a mulher perde. A mulher perde a virgindade (aliás, por que perder a virgindade? por que dar um valor negativo ao sexual?), o homem ganha mais uma conquista, mais uma pro caderninho. Essa repressão sexual é nitidamente expressa na linguagem diária, a mulher é a caça, o homem o caçador. Neste ponto, cabe citar a canção Caçada de Chico Buarque: “Hoje é o dia da graça, hoje é o dia da caça e do caçador”. A caça caçando o caçador, e vice versa, e ambos se realizando, o que ainda está muito distante do que observamos atualmente.

A juventude está mais conservadora, e contraditória, ao mesmo tempo em que as forças conservadoras avançam, e com ela a repressão sexual, o capitalismo precisa desovar suas mercadorias, e para isso não hesita em fazer uso da propaganda sexista. Forja-se uma juventude dual, desejos infinitos, repressão implacável, e uma juventude mutilada pelo “não pode”.

Em pleno sec. XXI há quem namore sem beijos, sem sexo, sem nada. Mas “amar, se aprende amando”, como diria Carlos Drummond de Andrade. Que amor é esse que inibe um beijo? Um toque? Uma carícia? Não, este não é o amor, a isto chamamos repressão, ou barbárie.

Tornar-se mulher não é ser igual aos homens. É preciso realmente tornar-se mulher, o que só será possível coletivamente e na luta.

Lutar é preciso. Tivemos conquistas, mas há muito por ser alcançado. Nossos salários ainda são menores, e se somos negras, são muito menores. Mas salário é exploração, é capitalismo, não reivindicamos o direito de ser exploradas igualmente, exigimos o controle da produção.

Neste ponto as lutas se unificam, a luta feminista torna-se revolucionária, e só assim ela pode avançar, e o contrário também é verdadeiro. "Quando uma mulher avança, nenhum homem retrocede"

Avancemos que o tempo ruge, é preciso alcançar o direito de legislar sobre o próprio corpo, o aborto é um direito. Enfim, tornemo-nos mulheres!

MULHERES EM LUTA

O que é o dia internacional da mulher? Por que oito de março? Que significação tem esse dia para todas nós?

O dia internacional da mulher foi proposto pela socialista alemã Clara Zetkin, durante a 2ª conferência internacional das mulheres socialistas, realizada em Copenhage, na Dinamarca, em 1910, mas foram necessários alguns anos até ficar estabelecido o dia oito de março como dia internacional da mulher.

As lutas iniciaram-se, aproximadamente, na virada do século XVIII para o XIX, no contexto da Revolução Industrial, quando a mão-de-obra feminina começou a ser incorporada, em massa, na indústria.

A condição de trabalho era muito precária, já antes da inserção da mulher no mercado de trabalho, isso era motivo freqüente protestos por parte dos trabalhadores. As operárias além de trabalharem nessas condições, recebiam, aproximadamente, um terço do salário dos homens.

Foram muitos os marcos na luta feminista, porém o mais importante é a luta, o quanto essas trabalhadoras alcançaram, incessantemente, a cada dia uma batalha, e no decorrer dos anos as vitórias. O ato mais conhecido é o de 1857, onde as operárias de uma fábrica de tecidos em Nova Iorque fizeram uma ocupação reivindicando melhores condições de trabalho, tais como diminuição da carga horária, equiparação de salários com os homens e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho. Elas foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada, aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas. Porém seguem-se muitos outros acontecimentos que proporcionaram a criação dessa data, como a marcha de 15.000 mulheres, em 1908, pelas ruas de Nova Iorque exigindo os mesmos direitos. O que se estendeu por todo o mundo, em todos os lugares nossas companheiras operárias lutavam.

A luta dessas trabalhadoras também teve participação durante a revolução russa. O tabu da inferioridade feminina e a idéia de que a opressão da mulher pode acabar no capitalismo foram desmentidos pela revolução, só a revolução pode emancipar as mulheres. O problema histórico da opressão da mulher, que a burguesia não só não resolveu como aprofundou, encontrou as bases para sua solução com a expropriação parcial dos meios de produção na Rússia.

Hoje os avanços são muitos, porém a luta continua, ainda hoje lutamos, e provavelmente ainda lutaremos por um bom tempo. A criminalização do aborto, a liberdade de expressão, a criminalização dos movimentos sociais, e o oligopólio da mídia, que invisibiliza as mulheres e suas lutas e desqualifica suas lideranças, estimulando a subalternidade e o preconceito. Essas são algumas das barreiras que temos que enfrentar. Por isso mulheres, vamos à luta!

D.M.O.

CARTA ABERTA DO MANO MANÉ GARRINCHA PARA O “SEU” PRESIDENTE OBAMA

“Eles não querem só a minha morte. Querem o meu silêncio.” - Mumia Abu-Jamal*.

Seu Obama,

Meu nome é Mané Garrincha. Joguei muito futebol, aquele esporte ao qual vocês estranhamente chamam de *soccer*, e nós sem estranheza às vezes chamamos também de chutebola.

Seu país já teve grandes atletas. O nosso também.

Quero falar de esporte mais antigo e não muito praticado no mundo: **liberdade**.

Na história desse esporte, vocês contam com Jefferson; Ben Franklin, verdadeiro pararraios, mesmo em tempo chuvoso; o maestro Walt Whitman – elegante cantador da liberdade. Depois, vocês tiveram o melódico Bob Dylan, o centroavante Luther King, o ponta-esquerda Malcolm-X e o sábio Noam Chomski, capaz de driblar e fazer gol de letra com toda palavra certa. Falo só de alguns, seu Presidente.

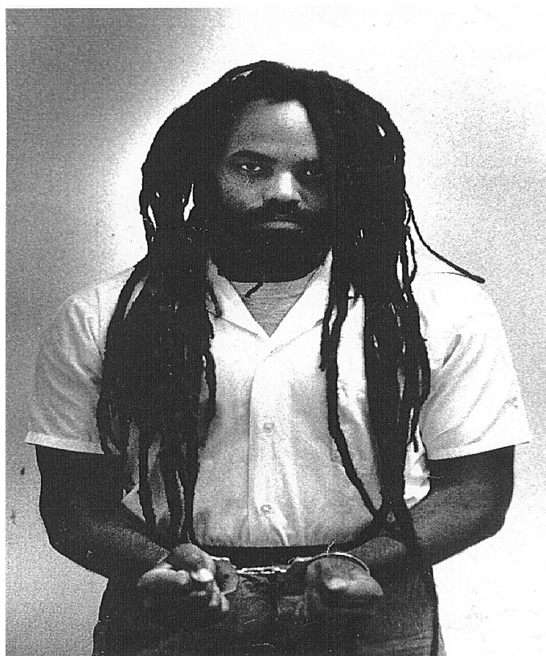
Do nosso lado de cá, podemos falar de Herzog, que saiu do jogo por conta de uma gravata aplicada por jogador da extrema direita do time oposto; tivemos, tivemos, também jogando na esquerda, o mano Marighela, traiçoeiramente eliminado antes da metade do jogo; Osvaldão, que também foi tirado de campo injustamente. Em tempos passados, lembramos os polivalentes Zumbi dos Palmares e Gangazumba, do heróico time Quilombola; Frei Caneca, fuzilado por traiçoeiro tiro da zaga contrária; Abreu e Lima, que, ao lado de Bolívar, pelejou na brilhante seleção da América do Sul; o caboclo Conselheiro, que jogava – e muito bem – em estádios sem grama.

É claro, seu Presidente, que tanto a nossa turma quanto a sua já tiveram jogadores de pouca valia, verdadeiros assassinos em campo e no campo. Vocês tiveram William Linchy, que, nessa língua que falamos na nossa banda subequatorialmente abaixada do mundo, resultou no verbo “linchar” (matar sumariamente, sem julgamento); vocês também tiveram cartolas em seu time que ordenaram matar índios e negros, invadir países vizinhos ou distantes, detonar bombas atômicas, perseguir, prender e matar todos aqueles que fossem considerados inimigos. Em tempos recentes, vocês tiveram Nixon, Reagan, Bush I e Bush II, que jamais jogariam ou seriam da comissão técnica de qualquer time decente. Você, seu Presidente, assumiu o comando de seu time, mas ainda continua o jogo sujo lá nos campos do Oriente. Por quê?

Nós também tivemos predadores da mesma espécie: o brutamontes Jorge Velho, que escravizou índios e foi contratado para matar negros; os imperadores Pedro I (vulgo Pedro Pontapé) e seu filho Pedro II (vulgo Pedro Banana); os milicos da República: Deodoro da Fonseca (perna fina e bunda seca), Fuloriano Peixoto (que não valia fulô e nem biscouto), Castelo Branco (que não tinha cabeça nem pescoço), Costa e Silva (que quando morreu, deu sorte a quem apostou no burro); Médici (cuja inteligência era limitada, mas cuja estupidez até hoje mede-se); Geisel (o pastor alemão); Figueiredo (que não serviu nem como brinquedo). Todos eles genéricos generais, exceto alguns marechais.

Seu Presidente, queremos criar nosso time, que já se chama **Liberdade**. Existe um atleta, em (campo de) concentração no seu gramado. Ele poderá compor nossa equipe. Requeiro, seu Presidente, em nome dos jogadores da **Liberdade**, a imediata liberação do atleta **MUMIA ABU JAMAL**, da gloriosa equipe **PANTERAS NEGRAS**, seção Califórnia. Ele jogará conosco.

Com um abraço e um drible do Mano Mané Garrincha



*Jornalista e radialista estadunidense, fundador da organização Panteras negras, seção Filadélfia nos anos sessenta, conhecido como "a voz dos sem vozes", Mumia Abu – Jamal, acusado de matar um policial branco no ano de 1982, ainda que nada tenha sido comprovado, segue encarcerado no corredor da morte até hoje. Seus acusadores, pelo contrário, compõem um quebra-cabeças macabro: o juiz que o sentenciou a morte mantém relações estreitas com a organização racista paramilitar Klu Klux Klan e foi o juiz que mais enviou presos negros a morte no estado da Pensilvânia, mesmo estado onde ABU – jamal está preso. Uma das testemunhas que disse no julgamento ter visto Jamal disparando sua arma contra o policial, arrependeu-se posteriormente, mas isso não implicou em novo julgamento. Para piorar sua situação o projétil do crime de uma 44 desapareceu e o mais bizarro é o fato de Mumia Abu – Jamal, na época, portar um revolver 38. Estamos diante de um belo exemplo de como funciona a democracia no centro capitalista, os Estados Unidos da América.

SOBRE AS INDAGAÇÕES DE JOYCE

Olá Joyce

Que bom você ter tido contato com o blog do Espaço Cultural Mané Garrincha. Que bom você, assim como outras pessoas, ter gostado do que viu. Para você e aos demais, nossa grata saudação.

Não, não somos botafoguenses. Aqui se tem variadas simpatias futebolísticas: palmeirense, santista, corintiano, são-paulino, cruzeirense, vascaíno, etc.

Claro, que honra a dos botafoguenses, como você, ter no quadro do clube a figura de Mané Garrincha e, saiba, aqui há espaço para os torcedores – proletários do querido Botafogo, assim como aos de outros clubes mais.

Falamos isso porque, de maneira geral, o futebol em sua origem no país, trazido por setores da classe dominante, impedia aos pobres, principalmente negros, de adentrarem aos clubes. Entretanto, todos conhecem a história: depois que os de sangue indígena e negra pisaram nos gramados, dali não saíram mais e os clubes passaram a ter cor do verdadeiro povo brasileiro.

Ao escolhermos Mané Garrincha como simbologia do nosso espaço, demarcamos campo com a história do país que vai pra frente, porque, para nós, um país irá para frente somente porque vive em seu hoje, porque seu povo briga e baila feito Garrincha em área adversária e, se acaso for, preferirá o drible ao gol, preferirá a vida ao G20 e deixará de ter cara feia com a segunda-feira quando esta deixar de ser amiga do patrão. Dispensará fabricadas glórias no passado, mas não esquecerá de sua gente cantando livre numa Palmares sem cotas, onde Zumbi não era tão somente um dia de feriado.

Ao reivindicarmos Garrincha é porque este tinha os bolsos furados para o dinheiro. Porque ignorando as fronteiras lingüísticas, batizou, sem discriminar, todos os adversários dos estádios do mundo de simplesmente joões. Porque, com suas pernas tortas desdenhou da cultura do corpo perfeito. Garrincha riu de todos nós!

É com a cara e a coragem que adentramos ao gramado da vida e nele jogamos contra tudo de ruim: as telenovelas de final feliz, a comemoração do gol com dedinho pra cima, o vira-casaca ex-operário das greves tornado presidente da nação e puxa-saco de banqueiros, a esquerda sisuda que burramente converteu seu programa num credo e teme o palpitar das arquibancadas e das ruas, por isso, de costas para o povo, escrava dos parlamentos, sindicatos, ongs e afins.

Por fim cara Joyce, estamos de acordo quanto a toda unanimidade ser burra, inclusive as rodrigueanas, sempre dispostas a espezinhar a esquerda e de sorriso cínico para a direita. E mais, cristã por choramingar aos militares a libertação do filho guerrilheiro, para tristeza do papai que nunca fez defesa de outros tantos filhos dessa mãe gentil chamada Brasil. Tantos iguais a seu filho torturado ou ainda pior, torturados e mortos sem deixar vestígio.

Chegamos ao final dessas linhas mantendo em aberto a interlocução contigo e com tantos outros, irmãos e irmãs de luta, com a reflexão sobre o que se passa nos estádios atualmente do Brasil, porque neles, nos estádios, passa a própria vida. Pois ali, nos estádios, assim como fora deles, ao torcedor pobre a vida tem sido negada!
Ingressos caríssimos calam o coro das arquibancadas e da geral. Um coro pálido e tímido soa nos camarotes. O futebol volta a cair nas graças da classe dominante do país, a mesma que outrora negou aos pobres o direito aos clubes.

Todavia há um grito que continua a incomodar os senhores da ordem. Ele vem da torcida do Santa Cruz pernambucano: guerra entre as classes, paz entre as torcidas! Engrossemos este coro!

Acesse o endereço: http://espacogarrincha.blogspot.com

CRÍ-CRÍTICA DA RAZÃO TUPINIQUIM



Há uma filosofia brasileira? Sim? Não? Por quê? Esta é a questão fundamental da obra crítica da razão tupiniquim, de Roberto Gomes. O fato é que esta questão implica outras, por exemplo: o que é filosofia? Gomes afirma que filosofia é essencialmente dizer o contrário, ou seja, a filosofia seria crítica e contestatória. Sendo assim, essas linhas estreitas devem ser consideradas filosóficas, já que em alguma medida contestam o nosso crítico da razão tupiniquim. Muito bem, gracejos à parte, o mais provável é que a definição de Gomes seja demasiadamente aberta e ampla. Ou então, sendo este meu humilde texto também filosófico, deixemos o conteúdo mais nobre para o final, comecemos por onde há acordo com Gomes, ainda que relativo.

Ocorre que a tal razão tupiniquim a que se refere Roberto Gomes se inscreve no marcos das escolas de filosofia, das academias. Então, o título correto seria crítica da razão (acadêmica) tupiniquim. Se assim fosse, o título estaria muito mais adequado à obra, mas este perderia muito em abrangência, e o próprio autor afirma que não queria perder o título.

O fato é que as nossas academias produzem historiadores da filosofia, comentadores..., mas não exatamente filósofos. Busquemos uma definição simples de filosofia: “estudo que amplia a compreensão da realidade, buscando apreendê-la em sua totalidade.” Ora, nossas academias produzem especialistas/comentadores de filósofos europeus, só. Como bem lembra Gomes, para produzir algo é preciso se conceder uma ampla liberdade de criação, apenas assim é possível tentar apreender a totalidade, mas liberdade de criação não se ensina na academia, muito pelo contrário. Neste sentido é que Gomes afirma não haver uma razão tupiniquim, concordo. Alguém que conheça a filosofia mundial de rabo a cabo, se não se conceder a necessária liberdade de criação, será quando muito um excelente professor, mas não um filósofo. Para tanto se faz necessária a tal liberdade de criação. Concordo.

Muito bem. Para introduzir minha crítica (e fazer filosofia rs), busquemos um segundo acordo com Roberto Gomes. A crítica da razão tupiniquim é uma contestação do pensamento meramente especulativo, para Gomes a filosofia sempre está escorada no “real cotidiano, também matéria de poesia”, e de filosofia. Concordo. Toda filosofia é sempre uma tentativa de apreensão da totalidade real, ou histórica. E neste ponto reside a crítica de Gomes, como nossos filósofos se limitam a comentar

as idéias de terceiros, não fazem filosofia, quando muito produzem história da filosofia, ou se formos um pouco mais complacentes, produzem história comentada da filosofia.

A questão é que se a filosofia é essencialmente contestatória, se é o inverso do verso, ou o desdito do dito... Roberto Gomes procura a filosofia onde ela não estará: nas academias. Filosofia entendida como tentativa de apreensão do real e de contestação só pode ser encontrada nos espaços de crítica da ordem vigente, entenda-se movimentos sociais. Nossas universidades cada vez mais enquadradas e redirecionadas para a produção de saberes mercantis jamais poderão contestar seu Deus, exceto alguma exceção que confirme a regra. O padrão lógico-dedutivo-estabelecido são as nossas academias apologéticas de um status-quo caduco e, exatamente por isso, produtoras de "conhecimento" parcelado e falsificado.

Perguntas tão simples quanto filosóficas não se farão nestes centros produtores de frutos caducos. Produzir mais, para quem? Qual a racionalidade da atual sociedade capitalista? Quais as alternativas a esta? Ou mais que isso, e inclusive mais ao gosto de Gomes: qual o projeto queremos para o Brasil?

Questões tão simples não se formulam por que se aceita a ordem vigente, a crítica e, conseqüentemente, a tentativa de apreensão do real só é possível entre os que negam a ordem estabelecida, para negá-la é preciso conhecê-la. Os discursos de louvor ao estabelecido simplesmente aceitam o vigente. Se a história acabou, não precisamos pensá-la, basta que a aceitemos. Nesta aceitação morre o filosofar, que é essencialmente crítico. Morre a possibilidade de pensarmos que história queremos.

Ora, se a perspectiva aqui esboçada estiver correta, Roberto Gomes busca um pensamento social brasileiro, ou até latino-americano (esta última possibilidade se encontra presente em trechos da obra). Ou seja, está sugerida a necessidade de tentar apreender o real e, obviamente, essa tentativa tende ao fracasso se estiver limitada metodologicamente à filosofia acadêmica, parcelada. Para tanto se faz necessário recorrer aos mais diversos saberes: economia, antropologia, sociologia, cinema, literatura, música e por aí vai.

O nosso crítico da razão tupiniquim está consciente desta necessidade, inclusive se valendo de sacadas de figuras como Oswald de Andrade, Nelson Rodrigues, Mário de Andrade entre outros. Segundo Roberto Gomes, a filosofia não se realizou em solo tupiniquim, mas não se pode dizer o mesmo da canção popular e da poesia, por exemplo. Concordo. Figuras como Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque, Adoniran Barbosa, Noel Rosa... não me deixam mentir. Gomes, por seu lado, tenta captar e transformar em filosofia algo como uma sensibilidade brasileira, que está presente nos nossos poetas, escritores e músicos.

Ok. Há acordo. Mas neste ponto surge uma interrogação da qual declino, posto que nem a industria têxtil da China (crescendo a taxas cavalares) poderia produzir pano pra tanta manga. É possível se falar em filosofia brasileira? Ou tupiniquim? Filosofia não é universal? Não sei. Tenho dúvidas. Declino.

Por outro lado, um pensamento crítico brasileiro e até mesmo latino-americano é possível e, inclusive, existe. Se concordamos ou não com ele é outra questão. Para ficarmos apenas em terras e teóricos tupiniquins, listemos alguns: Caio Prado Jr., Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Celso Furtado. Este último, por exemplo, publicou um livreto intitulado Um projeto para o Brasil. Apesar dos pontos polêmicos que possa conter, trata-se de uma tentativa de compreensão da realidade nacional, acompanhada inclusive de propostas de superação das contradições apontadas. Ou seja, algo parecido com a tal razão tupiniquim. Neste exemplo, ainda que mais econômico, também há filosofia na medida em que se parte de princípios e idéias sobre a sociedade ideal (na visão de Furtado).

Enfim, parece-me claro que um pensamento crítico brasileiro só poderá existir se multidisciplinar, respostas puramente filosóficas dirão muito pouco sobre nossas contradições e possibilidades. Por este caminho seguiram os principais textos interpretativos brasileiros, e até a crítica da razão tupiniquim. No caso desta, sua maior debilidade é a escolha de falsos interlocutores. Se é para criticar a razão tupiniquim,

necessário seria estabelecer um diálogo com os grandes pensadores brasileiros, como os acima citados. Entretanto, uma simples consulta a bibliografia utilizada por Roberto Gomes mostra que tais pensadores não estão no escopo do trabalho do nosso crítico, com exceção de Sérgio Buarque de Hollanda. Sendo assim, a crítica deixa muito a desejar, pela simples razão de que não dialoga com a razão tupiniquim, limita-se à reprodução tupiniquim, às nossas academias.

Porém, se é verdade que a crítica da razão tupiniquim deixa a desejar à medida que não dialoga com a autêntica razão tupiniquim, também é verdade que vale como um sapeca-iaiá na nossa academia.

Chico

BALANÇO DA GREVE DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

A greve dos professores da rede pública do Estado de São Paulo em março/abril de 2010 que, em seu início, mobilizou 80% da categoria, expressou resistência à precarização da escola pública e a flexibilização dos direitos trabalhistas.

A mídia, abordando a greve como sendo por reivindicação meramente salarial, esforçou-se em esconder os reais motivos do baixo valor da força de trabalho e demais itens da pauta. Em campanha permanente de contra informação, veiculava dados contra os trabalhadores da Educação. Para citar exemplos da estreita relação governo/mídia, durante as manifestações, helicópteros da grande imprensa deixaram de sobrevoar e de registrar as várias passeatas que paralisaram o trânsito do maior centro financeiro do Brasil e da América Latina. Apesar dos enormes congestionamentos das principais avenidas do centro de São Paulo, as manchetes da grande imprensa apresentavam um número insignificante de manifestantes.

A ferocidade da imprensa foi tão grande que, por um lado, as notícias ao vivo, tanto da rádio como da televisão, davam conta de uma São Paulo caótica sob os efeitos das marchas dos trabalhadores em Educação; por outro lado, os jornais televisivos noturnos apresentavam um número reduzido de manifestantes, o mesmo se dando com as manchetes de jornais do dia seguinte. Nos dois casos, farsa e compromisso com a ordem governamental davam o tom da grande imprensa: o caos na cidade visava jogar a população contra os educadores. Reduzir a manifestação a uma ínfima minoria, significava desacreditar o poder de mobilização da categoria e isolá-la em uma questão que é de todos.

A ofensiva dos governos, estadual e federal, na retirada dos direitos trabalhistas se caracteriza por aprovações de Decretos inconstitucionais que incide sobre os gastos da escola pública. As salas superlotadas com mais de 50 alunos, escolas sem funcionários, redução de professores, alimentação de péssima qualidade, turnos reduzidos ou mesmo fechados, são medidas que combinam com a diminuição dos gastos com os serviços básicos à população, nesse caso o educacional. Os Decretos que precarizam os direitos vem nessa lógica. Podemos denunciar a lei 1093/2009 que muda o caráter da contratação da maior parcela que hoje se encontra na Educação. Na prática, significa transformar o professor em trabalhador temporário, sem relação com o que faz e que poderá ficar um ano desligado da Rede de Ensino. Outra lei que ataca a vida humana é a de número 1094/2008 que regula as faltas médicas. Um laudo médico pode ser negado pelo governo sem justificativa.

Mas, se o aspecto principal da greve em nenhum momento veio à tona no noticiário; por sua vez, o sindicato visou apenas desgastar o governo do PSDB, impedindo que o movimento caminhasse para a politização e organização para a resistência.

Essa política advém do atrelamento e colaboração da direção do sindicato dos professores à esquerda eleitoral. Por isso, na sua impotência frente a flexibilização, a aristocracia sindical, sustentáculo do governo Lula, limitou-se à mendigar emendas das leis que retiram os direitos trabalhistas. É esse tipo de política que ao invés de dar combate à agressão do governo, joga a responsabilidade para a categoria, dividindo-a em estudantes, efetivos e OFAS, quer dizer, contratados. E, se o governo fraciona a categoria, nomeando segmentos O, F, L, S, Efetivos com mérito, sem mérito, a direção do sindicato, atrelada ao governo federal, não se propõe de fato derrubar os decretos porque esbarra no projeto nacional da Reforma Educacional orientada pelo Banco Mundial. Nesse sentido, tanto o governo do PSDB quanto do PT, ambos atacam os direitos dos trabalhadores.



Os 32 dias de greve demonstraram uma disposição de luta por parte da categoria, mas que não foi adiante. E entre tantos problemas, a inoperância de um sindicato que não encaminhou o que poderia fortalecer o embate com o governo.

E, se o fracionamento dos trabalhadores não sensibilizou a direção sindical, tão pouco esta se esforçou em levar a problemática da precarização da Educação para além da esfera categorial, já que, a defesa da escola pública, gratuita em todos os níveis, implica na unidade de professores, pais e alunos.

Então, o quê restará à aristocracia sindical com sua traição senão conter a luta dos trabalhadores, por meio de instrumentos estranhos à classe, inclusive proteger-se com grupos contratados com o dinheiro dos associados? E aos trabalhadores, senão a necessidade de se auto-organizar e lutar pelo direito à vida?

D.S.A

A LUTA DO POVO INDÍGENA TUPINAMBÁ – A RETOMADA DAS TERRAS TRADICIONAIS NO SUL DA BAHIA

No dia 19 de fevereiro os fazendeiros estavam fazendo uma manifestação contra a demarcação da TI da Serra do Padeiro. Um grupo de indígenas Tupinambá que passava próximo dali foram violentados pelos fazendeiros, acostumados a

realizarem manifestações para descaracterizar o povo tupinambá naquela região. Os tupinambás indignados e cansados de esperar pelo poder público para cumprir a demarcação, se reuniram no sábado pela manhã e ocuparam a fazenda do principal agitador contra os indígenas, o grileiro Alfredo Falcão. No mesmo dia o fazendeiro chega com um grupo de 50 homens fortemente armados, entre eles capangas do fazendeiro e agentes da Policia Federal e expulsam os tupinambás a base de tiros e muita agressão física, sem mandato de reintegração de posse. Dois indígenas foram presos e liberados no domingo, sob a acusação de formação de quadrilha entre outras acusações absurdas. Os demais tupinambás se retiraram estrategicamente para as matas próximas, após o que os federais e o Alfredo (grileiro de terras e que se diz dono da fazenda que está dentro da TI Serra do Padeiro), se retiraram deixando na fazenda apenas os jagunços armados. No dia 25 de fevereiro os Tupinambás retornaram e cercaram a fazenda, com isso e se vendo acuados os jagunços começaram a atirar na tentativa de afugentá-los. Os Tupinambás esperaram até que a munição dos jagunços acabasse e então apertaram o cerco e, em grande maioria numérica, reexpulsaram os jagunços fazendo uso apenas de suas armas (arco e flecha, tacapes, etc.), principalmente bordunas. Como se sabe, os Tupinambás não usam armas de fogo. Na ação, não ficaram feridos nem mortos, conforme noticiaram os telejornais locais e toda a imprensa burguesa da Bahia.

Na madrugada do dia 10 de fevereiro é preso, em condições estranhas, Rosivaldo Silva, mais conhecido como 'cacique Babau'. Cerca de cinco policiais federais invadiram a casa de Babau por volta das 2h00 da madrugada. Além de violentarem Babau, ainda houve ameaça de morte contra o cacique. Babau é uma liderança de 130 famílias, na Serra do Padeiro, e tem o prestigio e reconhecimento de seu povo, por sua dedicação e coragem no enfrentamento aos grileiros latifundiários na luta pela demarcação das terras indígenas do povo tupinambá, não é à toa que ele vem sendo perseguido há muito tempo pelas autoridades corruptas baianas. Numa publicação feita pela revista Época, ele é covardemente atacado, sob a acusação de vários crimes, que não cometeu e a comparação com o Lampião, tudo na tentativa de prejudicar a imagem do cacique perante a população não índia do sul da Bahia e do Brasil. "De acordo com membros da Comunidade Indígena da Serra do Padeiro, durante a ação policial parentes do cacique se esconderam debaixo da cama, com medo de sofrer abusos e agressões por parte da PF. Vários móveis da casa foram quebrados. Para a comunidade, pela conduta dos policiais a impressão que ficou foi no sentido de que pretendiam levar Babau sem ninguém perceber, tanto que eles agiram durante a madrugada e após entrarem na casa fecharam a porta. Ainda segundo a comunidade, os policiais o obrigaram a engolir um comprimido, que suspeitam pudesse ser um calmante" (em nota de repudio do CIMI). Para entender a luta e o embate acirrado contra o povo tupinambá é preciso recorrer a historia. Este povo tinha um território amplo, que ia desde São Paulo até o estado do Pernambuco. Foram expulsos de suas terras pelos portugueses colonizadores, devido seus interesses pelas riquezas existentes no território, como ouro, diamante, madeira de lei e mais tarde, pela própria fertilidade da terra.



A resistência do povo tupinambá tem inicio desde a chegada do invasor europeu. Ainda em 1554 foi constituída a Federação dos Tamoios, tendo como principal articulador o povo tupinambá. A resposta do colonizador não foi outra senão a caça a todos os tupinambás. A idéia era dizimar toda a etnia tupinambá, que procurou refugio nos aldeamentos das missões jesuítas e em aldeias de outros povos, vivendo assim até pouco tempo atrás, quando conseguem se reorganizar e com muita luta, retomar uma pequeníssima parte de suas terras originárias.

Hoje, há uma estimativa de existirem cerca de 10 mil indígenas do povo tupinambá em todo Brasil, a maioria se encontra no sul da Bahia, local onde já foi demarcado a TI Tupinambá, porém o estado brasileiro está enrolando para homologar a área, o que dá margem para toda essas atrocidades contra os indígenas. Os latifundiários e capitalistas fazem de tudo pra negar a existência desse povo. Na década de 80, os livros de historia do Brasil falavam dos tupinambás como povos extintos, hoje os jornais e rádios da Bahia, porta vozes dos latifundiários e banqueiros baianos, assim como as autoridades que recebem propina dos ruralistas e desses banqueiros, falam que esses que estão não são índios, desqualificando a luta do povo tupinambá numa tentativa covarde de manipulação da informação e opinião publica. Acusam os indígenas de serem “um grupo de sem terra”. Ora se a luta é a reconquista da terra, outrora tomada pelo invasor, não resta duvida que esses índios são sem terras. O que está por trás disso tudo é o fato do reconhecimento às terras do povo tupinambá na Bahia abrir precedentes para outras áreas dos tupinambás, já que existe tupinambá em outros estados também. Assim, o povo tupinambá do RJ, de SP, de ES, de MG, de PE etc. poderão reivindicar suas terras originárias. O que coloca em risco grandes empreendimentos imobiliários, negócios bancários, latifúndios, etc. E é fato que o território de origem abrange cidades inteiras do nordeste e sudeste brasileiros. As praias do litoral norte de São Paulo e quase todas do estado do Rio de Janeiro estariam dentro deste território. Isso é o bastante para justificar a fúria dos ruralistas, banqueiros, e especuladores imobiliários, os grileiros.

Mais informações podem ser acessadas pelo link:
http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2010/03/467485.shtml

Declaração de Solidariedade ao Cacique Babau e de apoio as lutas dos povos indígenas.

A Organização Popular Aymberê (OPA), manifesta sua solidariedade ao Cacique Tupinambá Babau, mais uma vítima da ação do Estado Brasileiro de criminalizar a pobreza e os movimentos sociais. Entendemos que a luta dos povos indígenas, assim como as lutas nos campos e nas cidades são práticas populares legítimas que possuem como reivindicação comum a luta pela terra, além da garantia de demais elementos materiais e espirituais necessários a vida humana.

Pelas lutas populares!
Em defesa das lutas dos povos indígenas!
Pela libertação imediata do Cacique Babau!
Contra a criminalização da pobreza e dos movimentos sociais!

Israel Sassa Tupinambá
Organização Popular Aymberê
www.opaymbere.wordpress.com

A MORATÓRIA DA SOJA, UMA FANTASIA PARA INGÊNUOS

Quando a multinacional Cargill se viu acuada com as críticas e denúncias por causa dos prejuízos sociais e ambientais na região Oeste do Pará, conseqüência de seu porto graneleiro na cidade de Santarém, a empresa apelou ao diálogo de conciliação. Aliás, diga-se de passagem, este porto em Santarém ainda está sub judice, portanto a Cargill não está totalmente legalizada e ainda poderá ser condenada a retirar o porto construído ilegalmente em frente a cidade de Santarém.

Pois bem, a Associação nacional de cultivadores e compradores de grãos, a ABIOVE convidou algumas ONGs ambientalistas e movimentos sociais da região santarena para uma tentativa de se construir uma chamada Moratória da soja. Pela tal moratória as empresas só comprariam soja de produtores que não mais derrubassem floresta. Isto foi em 2006.

O movimento social popular FRENTE EM DEFESA DA AMAZÔNIA, FDA participou de três encontros de diálogo e logo percebeu que a proposta de moratória era apenas um empurra com a barriga a situação que estava incomodando as sócias da Abiove. Era um truque para iludir os desavisados e os ingênuos.

Isto porque a proposta da Abiove era de se concordar numa moratória de apenas dois anos, iniciando em julho de 2007. A FDA propunha, se era para ser uma moratória séria, um espaço de 10 anos, iniciando em dezembro de 2003. A proposta do movimento popular nativo sabia que foi a partir de 2003 que aumentou a compra de lotes da agricultura familiar e derrubada de floresta pelos sojeiros. Os membros do encontro, representantes da BUNGE, CARGILL, MAGGI entre outras, recusaram a proposta imediatamente.

As ONGs se calaram e depois da terceira reunião o movimento popular santareno rompeu o diálogo por perceber que era uma farsa a proposta de moratória de dois anos. Não deu outra, os que ficaram nos encontros fecharam acordo e começou a tal moratória em julho de 2007. Em julho de 2009 foi prolongada por mais um ano, por não ter dado certo o prazo original. Agora, o próprio líder do Greenpeace, uma das ONGs que aceitou o acordo da Abiove, reconhece que continuou o desmatamento em áreas de soja em Santarém e mais ainda no Mato Grosso.

Isto é, a tal moratória de três anos foi só conversa para inglês e europeu verem. Se diminuiu um pouco a produção de soja na região Oeste do Pará, nesses últimos três anos, foi por outras causas, como a crise financeira mundial, com rebaixamento do preço internacional que levou vários sojeiros até a retornarem a seus estados de origem.

Mas a desgraça do desmatamento já ficou na região.

Tinha razão a Frente em defesa da Amazônia ao romper com o pseudo diálogo. Hoje a Abiove e a Cargill em particular lançam propaganda de serem empresas sérias que respeitam o meio ambiente. A Cargill está com uma campanha em Santarém de induzir crianças de escolas e seus professores a acreditarem que ela só faz o bem, distribui merenda gorda e aponta "grandes" benefícios que oferece à sociedade santarena.

E diz mais, que é uma empresa totalmente legalizada, mesmo estando vivo um processo contra o porto.Acredite quem quiser.

Pe. Edilberto – Frente em Defesa da Amazônia

O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR

São Paulo é desses lugares onde os loucos estão nas coincidências. É nessas coincidências que se acredita nas paixões e nos deístas. Rousseau era um deita. Marquês de Sade era sadomisado. Mas este não é um conto sobre psicoses e paulicéias. Assim, começa... era uma vez um lugar chamado Nova Iorque, ou simplesmente a absurda ilha de Antonio Salazar. Neste lugar de desgraça como sinônimo de progresso, um palhaço sem picadeiro, de riso avarento e gestos trágicos revirava barris de lixos que se amontoavam nas ruas mal cheirosas e cadavéricas. Na aparência trivial de seus gestos, com as mãos erguidas a boca, ia comendo os restos de uma *american way of life* estúpida e gananciosa. Mal mastigado e bem saboreado deixando escorrer um liquido viscoso e de odor forte que se formava dessa matéria inorgânica. Como quem dissesse "precisamos de você", ele oferecia a sua decomposição a quem acredita no que seus olhos vêem e seus ouvidos ouvem! Um palhaço branco com a cabeça coberta por peruca, que traja macacão mostarda, e com as cores de uma nação fascista. De Manhattan ao vilarejo de Trang Bang o fetichismo pejorativa de consumo se rendeu ao disponde. Com o dedo firme no seu nariz avermelhado, contra o que parece ser, alguém exclama "chora palhaço da sua tristeza quando o mundo e as coisas que te cercam dizem NÃO".



Esta crônica é uma livre interpretação de uma entrevista concedida por Raul Seixas em 1989. Na ocasião ele compõe a narrativa: "Três horas da manhã eu me vi numa viela perdida em Nova York e tinha um palhaço muito bonito, bem vestido, comendo lixo. E ele me convidou para ir comer o lixo com ele. E eu comi o lixo com ele." Na crônica , o palhaço oferece ao mundo a sua refeição – 2 Hambúrgueres, Alface, Queijo, Molho Especial, Cebola, Picles e o Pão com Gergelim – mas preferimos saborear cuscuz com galinha de oxinxim.

Andres Lima

SENTA, GUL MULLÁ!

---Senta, Gul mullá!
Uma bebida quente banhou o meu rosto.
---Água negra*? Olhou-me Ali Mohammed, pondo-se a rir:
---Eu sei quem você é.
---Quem?
---Um Gul mullá.
---Um sacerdote das flores?
---Sim-sim-sim.
Rema e sorri.
Navegamos num golfo de espelho
Junto a uma nuvem de amarras e monstros de ferro,
chamados "Trotski" e "Rosa Luxemburgo".

KHLIÉBNIKOV

Nota:

Do ciclo A trompa do Gul Mullá. O poeta, seguindo o Exército vermelho, chega ao litoral da Pérsia. Primavera de 1921.

***Água Negra - metáfora de glaucoma.**

****Trotski e Rosa Luxemburgo, navios no Mar Cáspio.**

Extraído do livro Poemas de Khliébnikov (editora Cromos). Tradução de Marco Lucchesi

O LIBERTÁRIO

Torcer ponteiros,
destroçar relógios,
libertar as horas.
Amassar o tempo,
rechear o tempo,
meter a dor no tempo.
E ainda assim: viver.
Por ora: viver.
Abolir o pecado,
revogar o paraíso,
anular a criação
e criar.
Engolir o sentido,
vomitar o sentido
e abandoná-lo.
Mas ainda assim: viver.
No caos geral: viver.
Implodir barragens,
afogar o latifúndio.
Multiplicar a libido,
alongar a libido.
Apanhar a borra dos desejos
e tingir as coisas.
Sabotar o não,
tocar fogo no não.
Entre nada e tudo,
entre a chama e o tédio:
dinamitar a propriedade privada,
explodir a vida presente
e viver.

CHICO